



SEÇÃO TEMÁTICA

# Alimento e religião: o cientista da religião como agente de regulação e de inspeção da produção de alimentos consumidos por pessoas religiosas

## *Food and religion: the scholar of religion as a regulation and inspection agent for the production of food consumed by religious people*

Omar Lucas Perrout Fortes de Sales\*

Clóvis Ecco\*\*

Janaína Josias de Castro\*\*\*

**Resumo:** Alimentação e religião são duas instâncias da vida humana a interagirem entre si por meio da constante atribuição de sentido àquilo que não se limita ao encerramento numa mera atividade biológica essencial: o ato de se alimentar. O ser humano possui a habilidade de atribuir sentido extraordinário às coisas; de instituir ritos e de conferir dimensão transcendente ao cotidiano; além de deter a competência de produzir e de oficializar práticas e ritos específicos enquanto via de experimentação do sagrado. Tal arcabouço favorece o passo de se ir além da diversidade de sentido da riqueza cultural já presente no universo culinário. Trata-se, também, de investir os alimentos de senso religioso, ou seja, de considerar o manuseio e a utilização de alimentos para fins rituais e de expressão do sagrado, dentro de um escopo de critérios e de preceitos estabelecidos pelas religiões. Nesse horizonte, a presente abordagem considera como ponto de partida a comprovada relação existente entre alimento e religião no intuito de trazer presente em que medida tal relação evoca a atenção da ciência da religião. Como resultado de nossa investigação, defende-se a necessidade de serviço qualificado junto ao setor de serviços de alimentos destinados a pessoas religiosas. Assim sendo, importa trazer à tona o papel profissional a ser exercido por cientistas da religião junto a esse específico seguimento alimentício. Donde importa afirmar, para além do universo acadêmico, campo de atuação profissional a ser amplamente explorado e exercido por cientistas da religião.

**Palavras-chave:** Alimento e religião. Produção de alimentos. Ciência da religião aplicada. Profissionalização de cientistas da religião.

**Abstract:** Food and religion are two instances of human life that interact with each other through the constant attribution of meaning to what is not limited to the closure of a mere essential biological activity: the act of eating. The human being can attribute special meaning to things, institute rites, and give a transcendent dimension to everyday life, in addition to holding the competence of producing and formalizing specific practices and rites as a way of having a sacred experience. Such a framework favors going beyond the diversity of meaning of the cultural wealth already in the culinary universe. It is also about investing in food in a religious sense. It means considering

---

\* Estágio PNPd/CAPES pelo PPG em Ciências da Religião da PUC Goiás (Goiânia-GO). Doutor em Filosofia (UFMG, Belo Horizonte-MG). Doutor em Teologia (FAJE, Belo Horizonte-MG). ORCID: 0000-0002-7084-1222 – contato: [omarperrou@yahoo.com.br](mailto:omarperrou@yahoo.com.br)

\*\* Professor e Coordenador do PPG em Ciências da Religião da PUC Goiás (Goiânia-GO). Doutor em Ciências da Religião (PUC Goiás, Goiânia-GO). pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Graduado em Filosofia e Teologia. ORCID: 0000-0002-6922-4665 – contato: [clovisecco@uol.com.br](mailto:clovisecco@uol.com.br)

\*\*\* Doutoranda em Ciências da Religião (PUC Goiás, Goiânia-GO). ORCID: 0000-0001-9622-0398 – contato: [janainajosiascastro@gmail.com](mailto:janainajosiascastro@gmail.com)

the handling and use of food for ritual purposes and the expression of sacred things within a scope of criteria and precepts established by religions. In this horizon, the present approach considers the beginning of the proven relationship between food and religion to discuss how and why this relationship evokes the attention of the study of religion. As a result of our investigation, the need for qualified service in the food sector for religious people is defended. Therefore, it is important to bring to light the professional role to be played by scholars of religion in this specific food segment. Moreover, it is important to affirm, besides the academic universe, a field of professional activity to be widely explored and exercised by scholars of religion.

**Keywords:** Food and religion. Food production. Applied study of religion. Professionalization of scholars of religion.

## Introdução

A alimentação tem sido, ao longo dos tempos, objeto de pesquisa de diversas ciências e fonte de interesse acerca do modo de ser de indivíduos e de coletividades com ela interagindo, quer seja por incondicional necessidade biológica, quer seja por demandas sociais, culturais e ou religiosas. O modo de se alimentar, a escolha dos alimentos presentes à mesa, a comensalidade, o caráter celebrativo, a dimensão mística e a tessitura do sagrado a permear rituais, a envolver a alimentação e, inclusive a escolha deliberada por não comer (jejum, abstinência), evocam a atenção sobre este amplo universo constitutivo da dimensão humana. Esse tema apresenta complexidades, a comportar diálogo interdisciplinar no intuito de se compreender tanto a dimensão biológica quanto a dimensão social e também as dimensões simbólicas e religiosas implicadas. Na contemporaneidade, o assunto adquire novos contornos, haja vista o surgimento dos mais diversos tipos de dieta e de suplementação alimentar a delinearem interesse por padrões estéticos mais do que necessariamente nutricionais e religiosos, dentre outros.

Para a presente reflexão, importa a relação subjacente à relação estabelecida entre alimento e religião enquanto rede de sentido a abrir espaço para a atuação profissional de cientistas da religião. Conscientes do vasto campo a ser explorado acerca do ato de se alimentar, o presente texto aborda proposta de profissionalização do cientista da religião enquanto resultado da constatação da intrínseca conexão existente entre os alimentos/a atividade de se alimentar com as múltiplas práticas rituais de diversas religiões.

Parte-se do princípio de que sacralidade e simbologia são frequentemente acionadas tanto no ato de manejo de alimentos quanto no ato de se alimentar. Isso porque as religiões não conferem apenas uma relação ritual à alimentação, mas implicam um modelo de vida no qual restrições, permissões, jejuns e práticas de cultivo orientam o indivíduo religioso. Para Souza (2015), a maneira como muitas pessoas religiosas se alimentam é determinada pela religião que elas seguem e praticam. Grande parte das religiões estabelece e legitima, inclusive de modo prescritivo, quais e quando determinados alimentos podem e devem ser consumidos ou excluídos da dieta de seus crentes/fiéis/seguidores. Por vezes há, ainda, a presença de normas e de princípios a serem seguidos durante o plantio, a produção, a colheita, o armazenamento, o manuseio e o preparo dos alimentos destinados a esses grupos. É o caso, por exemplo, da religião messiânica, a qual aplica normas e princípios religiosos em todo o processo produtivo de elaboração dos seus alimentos.

A história da alimentação se entrelaça com as religiões e com estas mantém uma relação muito antiga. Ao definir o que é alimento, a Organização Mundial de Saúde (OMS) apresenta a definição dividida em dois sentidos. A primeira definição compreende o sentido fisiológico como material nutritivo ingerido pelo ser humano no intuito de suprir as necessidades de funcionamento, de manutenção, de crescimento e de restauração da vida. A segunda definição implica o sentido comportamental e, para além da saciedade da fome e para além da satisfação das demandas mencionadas acima, cumpre o papel de atender motivos culturais, sociais, religiosos, etc.

Interessa-nos o recorte da relação entre alimento e religião, desde o horizonte da ciência da religião, sobretudo considerando-se o desdobramento direto e pertinente a incidir sobre o campo da ciência da religião aplicada.

Diante do exposto, cabe considerar a alimentação para além do dado cotidiano de uma prática necessária e ligada à própria condição de possibilidade de criação, de manutenção e de propagação da vida humana. Consequentemente, importa reconhecer o fato de que, para determinados grupos religiosos, o alimento apresenta-se como expressão e mediação da concretização do vínculo do ser humano com o sagrado. Onde há de se explicitar e se defender o papel e a importância do trabalho especializado a ser desenvolvido por cientistas da religião junto à certificação e garantia de qualidade, do cumprimento das prescrições religiosas durante todo o processo de produção de alimentos com destinação a pessoas e grupos religiosos, como é o caso da religião judaica. Profissionais cientistas da religião, isentos do comprometimento/envolvimento com o universo das crenças em jogo, qualificados pela prática científica do agnosticismo metodológico e habilitados para conferir certificação e garantia de qualidade para os alimentos a serem distribuídos, comercializados e consumidos. O trabalho em jogo consiste em monitorar e inspecionar o cumprimento das etapas e dos processos de preparo estabelecidos pelas religiões implicadas.

Em síntese: trata-se de considerar a alimentação para além do dado cotidiano de uma prática necessária e ligada à própria condição de possibilidade de criação, de manutenção e de propagação da vida humana. E, nesse caso, faz-se necessário o trabalho especializado de cientistas da religião, isentos do comprometimento/envolvimento com o universo de crenças em jogo e atentos à prática científica do agnosticismo metodológico. O trabalho em questão consiste em monitorar, inspecionar e garantir o cumprimento dos parâmetros estabelecidos pelas religiões no tangente ao destino final de alimentos a serem consumidos por pessoas religiosas.

## **A dimensão simbólica do alimento**

A história da alimentação desde sempre esteve atrelada à capacidade de simbolizar dos seres humanos e se estabelece como um componente de linguagem e comunicação entre pessoas, coletividades e culturas. Constitui característica singular da humanidade a ação de atribuir diversidade de eixos semânticos e de soluções simbólicas para os alimentos e para a alimentação. Tanto a produção dos alimentos como a distribuição social dessa produção, em sua perspectiva simbólica, obedecem a regras específicas que

são mais bem compreendidas se nos debruçarmos sobre as tramas e sentidos estabelecidos a partir do sistema de crenças a permear a cultura e a incluir o dado da religião.

O alimento, ingerido ou não, carrega consigo uma carga de significados e de valores simbólicos, remetendo o indivíduo a lugares, a memórias e a sensações. Desse modo, aciona lembranças familiares, remete a localidades geográficas, demarca as estações do ano e compõe o cenário/cardápio de festividades civis e religiosas. Marca presença transportando não somente carga nutricional, mas também valores culturais, simbólicos e religiosos. Transporta, inclusive, a capacidade humana a ele atribuída de instituir e de reger um novo espaço e um novo tempo. A reconfiguração do espaço e do tempo são exemplos da dimensão religiosa presente em determinados alimentos.

Como indicam Carvalho, Luz e Prado (2011, p. 156), “as relações simbólicas impõe-se aos sujeitos como um sistema de regras irreduzíveis tanto às regras do jogo econômico quanto às intenções particulares dos sujeitos”, construindo em cada indivíduo o que Bourdieu (1989) chamou de *habitus*, e que definem os gostos. Para Carvalho, Luz e Prado (2011), essa estruturação ocorre mesmo com o comer, que passa a ser uma ação incorporação tanto de alimentos quanto de seus significados, que passa por trocas simbólicas, envolvendo elementos e de associações capazes de expressar e consolidar a posição de um agente social em suas relações cotidianas (Carvalho, Luz, Prado, 2011, p. 158).

Logo, é possível compreender a alimentação e a religião enquanto fatos sociais, que estão estruturados e são estruturantes do *habitus* dos indivíduos. Dessa forma, *habitus* são disposições incorporadas nos agentes sociais. O ser, suas ações e seus sentimentos são evidências sociais no indivíduo que perpassam os diversos meios sociais que o mesmo acessa.

Segundo Mattos e Luz (2009), a construção de sentidos pelos agentes é capaz de produzir identidades individuais e coletivas, relações sociais e vínculos que ultrapassam a lógica consciente do discurso. Não por acaso, os alimentos transmitem aos indivíduos uma noção de tempo, espaço e valores, “especialmente se o sistema culinário a que estiver submetido for determinado por uma religião: dia de jejum, hora de comer doces, dia de comer carne, dia de festas, etc.” (Souza, 2015, p. 47). A maneira, o modo de se alimentar, contribui significativamente para se interiorizar o sistema de crenças ao qual se pertence. Isso porque o ritual da alimentação expressa exteriormente o que se crê e, simultaneamente, possibilita o reforço e a adesão à convicção interna da crença professada. Cabe ressaltar o fato de a religião compreender uma rede de significados e um conjunto de experiências e ações humanas interligadas entre o comportamento religioso e a crença religiosa. Desse modo, integra a construção da identidade de indivíduos e as suas relações sociais a encampar a alimentação.

Nessa perspectiva, Croatto (2001) considera que culturas e povos comportam uma expressão religiosa. Dizer “expressão” é falar de manifestações de ordem religiosa que têm seu veículo na simbologia, na linguagem, na literatura, na arte, em rituais variadíssimos, nos corpos doutrinários, em modelos de vida. Aquilo que é expresso em tantas maneiras, que de fato compreende todos os registros de vida humana, é algum tipo de experiência do transcendente. Como toda experiência humana, ela também tende à comunicação e à socialização (Croatto, 2001, p. 9).

## O alimento como elemento constitutivo das religiões

A história comparada das religiões também buscou descrever e interpretar as representações e regulamentações sagradas sobre o consumo dos alimentos (Carneiro, 2003). Em quase todas as civilizações, “o alimento é um dos primeiros deuses ou tem um deus tutelar”. Os cogumelos alucinógenos mexicanos do gênero *Psilocybe* são sagrados e denominados “carne de deus”. As plantas psicoativas, como a ayahuasca, que é de origem indígena, e diversos cactos andinos e mexicanos, como o San Pedro e o peiote, são exemplos de alimentos e bebidas divinizadas.

A alimentação chama atenção por ser uma das primeiras necessidades humanas, já que esta não está ligada somente à questão nutricional, mas faz com que os homens interajam entre si, com o meio ambiente, com os demais seres vivos e diversas culturas. Logo, os alimentos unem os humanos ao seu grupo, ao território, aos demais seres vivos e, segundo Wirzba (2014, p. 27), ao sagrado e ao transcendente.

Embora dependa da materialidade e esteja inscrita na racionalidade da produção agrícola, a alimentação aciona o numinoso, em função de sua obtenção e produção nem sempre atravessar uma fórmula exata. Assim, a magia por trás da produção do alimento possibilita uma experiência com o numinoso no sentido da definição de Schleiermacher: “reação como sentimento de dependência”. Conforme relata Otto (1992, pp. 14-15), a religião se mostra como uma tentativa de arquitetar um universo significativo, que causa medo em relação à um objeto externo. O mistério por trás do aperfeiçoamento das técnicas de obtenção e preparação de alimento nos primórdios do desenvolvimento das civilizações humanas justifica essa associação da alimentação ao transcendente e as formulações religiosas posteriores.

Alimento e religião têm uma ligação muito antiga. Segundo Mintz (2001), o ato de alimentar não é algo recente que desperta interesse na antropologia. A alimentação exerce uma função importante na vida de seus adeptos. São inúmeras proibições, permissões, jejuns, modelos alimentares, utilização em rituais e proteção aos animais, dentre outros.

A história da alimentação abrange mais do que a história dos alimentos, de sua produção, distribuição, preparo e consumo. O que se come é tão importante como quando se come, onde se come, como se come e com quem se come. As mudanças dos hábitos alimentares e dos contextos que cercam tais hábitos é um tema intrincado que envolve a correlação de inúmeros fatores.

Dessa forma, faz-se necessário um aprofundamento sobre como os seres humanos orientam simbolicamente sua alimentação e qual sua relação com o plano do sagrado.

## Alimentação e as relações sociais

A comida também é vista nos estudos antropológicos como uma linguagem. Parte dos saberes alimentares, das memórias gustativas, dos modos de fazer e servir são incutidos em nossa cultura a partir do que Bourdieu (1989, p. 27) define como *habitus*. Ou seja, são os *habitus* que definem características socioculturais presentes no indivíduo; o *habitus* se define a partir do que ele chama de “cima para baixo”, ou seja, seguindo

uma estrutura hierarquizada em que o indivíduo internaliza essas práticas a partir da sua criação, dos costumes que lhe são transmitidos através de grupos sociais, da família, da escola que frequenta, acarretando em sua posterior reprodução.

Aplicando ao campo da alimentação, Barbosa (2019, p. 16) reconhece que o *habitus* se configura a partir das continuidades; a alimentação é reproduzida através da memória desse indivíduo que refaz como tal e modifica, mas não rompe com seus costumes, pois é parte da sua formação cultural. Nesse sentido, ele pode introduzir outros modos de fazer, outros elementos e objetos nesses saberes sem desvincular-se das tradições ancestrais.

Como indicam Carvalho, Luz e Prado (2011, p. 148) “as relações simbólicas impõe-se aos sujeitos como um sistema de regras irredutíveis tanto às regras do jogo econômico quanto às intenções particulares dos sujeitos”, construindo em cada indivíduo o que Bourdieu (1989, p. 27) chamou de *habitus*, e que definem os gostos. Para Carvalho, Luz e Prado (2011, p. 148), essa estruturação ocorre mesmo com o comer, que passa a ser uma “ação concreta de incorporação tanto de alimentos como de seus significados, permeada por trocas simbólicas, envolvendo uma infinidade de elementos e de associações capazes de expressar e consolidar a posição de um agente social em suas relações cotidianas”.

Logo, é possível compreender a alimentação e a religião enquanto fatos sociais, que estão estruturados e são estruturantes do *habitus* dos indivíduos. Dessa forma, *habitus* são disposições incorporadas nos agentes sociais. O ser, suas ações, seus sentimentos, são evidências sociais no indivíduo que perpassam os diversos meios sociais que o mesmo acessa. Assim, os significados e sentidos incorporados pelos sujeitos ao longo da história vivida representam um acervo de possibilidades para a vida futura, sendo que o corpo representa o principal espaço para sua construção como uma força poderosa e inevitável na vida em sociedade. A construção de sentidos pelos agentes é capaz de produzir identidades individuais e coletivas, relações sociais e vínculos que ultrapassam a lógica consciente do discurso (Castro, 2020, p. 45).

As regras no campo da alimentação não são fixas, são bem dinâmicas e estão em transformação o tempo todo, uma vez que este campo não se limita ao ato de comer, mas está relacionado com um ciclo que abarca desde a obtenção da matéria-prima até o consumo dos alimentos.

O alimento ingerido carrega consigo uma carga de significados e símbolos. Remete o indivíduo a lugares, sensações e lembranças. Nenhum alimento é isento de simbologia, todos adquirem uma carga simbólica seja no meio social ou religioso.

### **A atuação profissional de cientistas da religião como agentes de regulação e de inspeção da produção de alimentos consumidos por pessoas religiosas**

Os hábitos alimentares e a economia de uma sociedade estão vinculados, na medida em que ambos se influenciam no intuito de satisfazer as mais variadas necessidades das pessoas. Com relação às características alimentares de uma população, é possível verificar que a religião exerce influência no comportamento humano e na organização

de sua vida pessoal e em sociedade. A preocupação religiosa com os alimentos tem início desde a criação, plantação, forma de abate, preparo dos alimentos, dentre outros fatores que constituem a cadeia produtiva e ou os costumes dos indivíduos (Farinha et al., 2017, p. 2).

Segundo Farinha et al. (2017, p. 2), os alimentos religiosos são aqueles produzidos conforme pré-requisitos religiosos. Esses produtos alimentícios ganham cada vez mais destaque na exportação de alimentos pelo Brasil, devido ao fato de indústria brasileira de alimentos ser receptiva às exigências do mercado. Essa diferenciação produtiva pode influenciar nos custos, bem como na receita final obtida com a comercialização desses produtos. Assim, a estrutura organizacional dessas empresas devem ter flexibilidade para atender as solicitações de seus clientes. Ao observar a influência da religião na produção e consumo alimentar, pode ser percebido o aspecto cultural no cotidiano das pessoas e conseqüentemente no setor brasileiro do agronegócio.

Diante de todas as dimensões apresentadas a conjugar alimento e religião, tem-se claro que essa ligação implica um modelo de vida a considerar restrições, permissões, jejuns e práticas de cultivo a interferirem diretamente na vida e nas práticas do indivíduo religioso. Ao se considerar como pressuposto tal ponto de partida, propõe-se a atuação profissional do cientista da religião junto ao processo produtivo de alimentos destinados a pessoas que apresentam restrições, permissões, proibições e métodos de cultivo baseados em preceitos religiosos. Aqui, cabe uma distinção: o profissional da área de produção de alimentos tem como função garantir a integridade de toda a cadeia produtiva dos alimentos. Já ao cientista da religião caberá garantir a confiabilidade dos alimentos, justamente por assegurar que a cadeia produtiva realize de fato as etapas determinadas e os modelos produtivos em sintonia com as demandas dos preceitos religiosos implicados.

O profissional cientista da religião pode atuar em diversas áreas relacionadas à produção de alimentos, por exemplo: indústria de produtos alimentícios; serviços de alimentação; órgãos e instituições públicas. Como tal, o cientista da religião pode participar, desde o início, da pesquisa para novos produtos e seus insumos, até a definição das embalagens e armazenagem destes alimentos industrializados prontos para consumo. Esse profissional seleciona a matéria-prima objetivando a melhor forma de armazenagem, acondicionamento, produção, preservação dos produtos e projetando embalagens adequadas às especificidades do grupo consumidor.

Propõe-se também como competência do cientista da religião fiscalizar os padrões de controle de qualidade da indústria, testes sensoriais, desenvolvimento de formulações, com o objetivo de fornecer produtos seguros e que atendam as necessidades do consumidor como exemplo, tem-se as produções de alimentos *kosher* que correspondem aos preceitos judaicos. A palavra *kosher* tem sentido de saúde e limpeza. A produção de alimentos *kosher* corresponde ao rigoroso “processo de certificação depende da total colaboração e transparência nas informações da empresa e, ainda, a visita de um rabino ortodoxo, perito neste assunto, avaliando o processo de fabricação do produto” (Ribeiro, Amaral, 2019, p. 2).

Por sua vez, o profissional cientista da religião precisa estar ciente e sempre atualizado no que diz respeito às legislações vigentes a respeito da produção de cada produto,

rotulagem, quantidade de substâncias permitidas em determinado produto e também a questões relacionadas ao meio ambiente e sustentabilidade, definindo métodos de tratamento de resíduos principalmente quanto ao descarte de rejeitos industriais. Aqui se insere positivamente o fato de a ciência da religião demonstrar abertura à interação e ao diálogo com outros saberes.

Conforme apresentam Ribeiro e Amaral (2019, p. 9), a certificação é um instrumento que garante ao produto especificações de qualidade pré-estabelecidas e “é reconhecida como um instrumento indispensável para dar confiabilidade aos produtos”. Dessa forma, a certificação é uma forma de “transmitir aos consumidores informações sobre a qualidade, origem e conformidade com os padrões estabelecidos do produto”. A certificação *kosher* não é uma exigência legal para a importação de alimentos para Israel; por outro lado, os produtos considerados não *kosher* “têm uma participação de mercado muito menor, já que a maioria dos supermercados e hotéis se recusa a comercializá-los e, até mesmo, transportá-los” (Ribeiro, Amaral, 2019, p. 3).

## Conclusão

A relevante questão da profissionalização de cientistas da religião para além do campo acadêmico deve ocupar pauta constante da discussão dos programas de pós-graduação na área. Os programas devem ter em foco, também, a preocupação em oferecer formação capaz de possibilitar a inserção de cientistas da religião junto ao mercado de trabalho. Há de se desenvolver e se disseminar a dimensão prática da ciência da religião, ou seja, a promoção de uma ciência da religião aplicada. Enquanto ciência comprometida com as questões religiosas e conseqüentemente políticas e sociais de seu tempo, importa oferecer uma assessoria prática, um serviço efetivo, uma presença atuante a transbordar da academia para a sociedade aquilo que se ensina e se aprende em suas pesquisas.

A proposta de atuação de cientistas da religião aqui delineada apresenta novidade pouco explorada em nosso meio. Ela parte do reconhecimento de uma demanda real de pessoas e grupos religiosos e da afirmação e da valorização de profissionais qualificados para atenderem as demandas desse seguimento. Em nossa busca não foram encontrados artigos e obras a abordarem a proposta de atuação profissional de cientistas da religião junto a esse setor. Há, sim, vasta bibliografia acerca da relação entre alimento e religião, alimento e sacralidade, a dimensão simbólica do alimento, etc.

No intuito de fomentar o debate acerca da profissionalização do cientista da religião, propõe-se como campo de atuação desse profissional a área de produção e distribuição de alimentos destinados ao consumo de pessoas religiosas, bem como às práticas rituais de grupos específicos a demandarem especificidades no trato de elaboração de alimentos. Os grupos específicos podem ser muçulmanos, judeus, candomblecistas, hinduístas, novaeristas etc. A inserção do cientista da religião junto ao mercado de alimentos encontra espaço qualificado via consultorias para obtenção de certificações especializadas, realização de atividades no setor de marketing da indústria desenvolvendo ações de acordo com os objetivos e o público-alvo da empresa, permitindo a expansão e o conhecimento dos produtos e estreitando o relacionamento com os clientes, a supervisão de

inspeção de produtos, o desenvolvimento e pesquisa de novos produtos com o intuito de produzir, padronizar e regulamentar alimentos obedecendo a preceitos religiosos, a fim de proporcionar ao indivíduo, com segurança, o exercício de sua prática religiosa.

As provocações lançadas acerca dos processos de produção, da realização de constante pesquisa e do aprimoramento científico junto ao seguimento alimentício em questão justificam a importância da realização de estudos que coloquem a comida e a alimentação no campo da discussão também religiosa e não apenas cultural, social, nutricional, etc. Daí o reconhecimento desse espaço de atuação a ser considerado por profissionais cientistas da religião, os quais têm muito a oferecer ao compor os quadros de trabalho de uma indústria que já possui profissionais de diversas áreas atuando junto ao setor alimentício, tais como veterinários, nutricionistas, engenheiros de alimentos e agrônomos.

“O cientista da religião como agente de regulação e de inspeção da produção de alimentos consumidos por pessoas religiosas” lança o olhar sobre espaço de atuação profissional a ser encampado por cientistas da religião. A conquista desse espaço, ainda pouco explorado, requer caminho a ser reivindicado e percorrido pelo empenho e pela dedicação conjunta da área por meio de docentes, de pesquisadores e programas de pós-graduação. O bem maior da conquista e do desenvolvimento de campos de atuação profissional para os atuais e para os futuros cientistas da religião deve ser compromisso dos protagonistas de uma área que vive o desafio de justificar e de dar razões de sua existência. Promover o avanço da ciência da religião aplicada implica oferecer frutos para a sociedade, implica compromisso com uma contrapartida social, política e religiosa daquilo que a ciência da religião produz e pode qualificadamente oferecer.

## Referências

BARBOSA, Isabela. Entre o fogão e a ciência: a comida como objeto de estudo na construção da cultura. *Inter-Legere*, Natal, v. 2, n. 25, 2019. Disponível em: <[https://periodicos.ufrn.br/in\\_terlegere/article/view/17308](https://periodicos.ufrn.br/in_terlegere/article/view/17308)>. Acesso em: 30 jul. 2022.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CARNEIRO, Henrique. *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

CARVALHO, Maria Cláudia da Veiga Soares; LUZ, Madel Therezinha; PRADO, Shirley Donizete. Comer, alimentar e nutrir: categorias analíticas instrumentais no campo da pesquisa científica. *Ciências & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, pp. 155-163, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n1/v16n1a19.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

CASTRO, Janaína Josias de. *Do ideal ao real: a coluna de salvação – agricultura e alimentação orgânica natural na Igreja Messiânica Mundial no Brasil (IMMB) – Johrei Center extensão Goiânia*. 156f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

CROATTO, José Serevino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. Tradução de Carlos Maria Vasquez Gutierrez. São Paulo: Paulinas, 2001.

FARINHA, Maycon Jorge Ulisses Saraiva et al. A relação interdisciplinar entre religião, hábitos alimentares e economia a partir de uma abordagem bibliométrica. *Revista Espacios*, Caracas, n. 12, v. 38, 2017. Disponível em: <<https://www.revistaespacios.com/a17v38n12/a17v38n12p01.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2022.

MATTOS, Rafael da Silva; LUZ, Madel Therezinha. Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, pp. 489-507, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v19n2/v19n2a14.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia: uma revisão. *Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 47, v. 16, pp. 31-42, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n4/7/7718>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1992.

RIBEIRO, Érika Neves; AMARAL, Larissa Maciel. Certificação Kosher como estratégia de acesso a novos mercados. Fortaleza, 2019. Disponível em: <[https://www.academia.edu/40316332/CERTIFICA%C3%87%C3%83O\\_KOSHER\\_COMO\\_ESTRAT%C3%89GIA\\_DE\\_ACESSO\\_A\\_NOVOS\\_MERCADOS](https://www.academia.edu/40316332/CERTIFICA%C3%87%C3%83O_KOSHER_COMO_ESTRAT%C3%89GIA_DE_ACESSO_A_NOVOS_MERCADOS)>. Acesso em: 28 jan. 2020.

SOUZA, Patrícia Rodrigues. *A religião vai à mesa: uma degustação de religiões com suas práticas alimentares*. São Paulo: Ed. Griot, 2015.

WIRZBA, Norman. *Alimento e fé: uma teologia da alimentação*. São Paulo: Loyola, 2014.

Submetido em: 31/07/2022

Aprovado em: 16/11/2022

Editor responsável: Fábio L. Stern